

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: MEMÓRIA, PRESERVAÇÃO E IDENTIDADE

HERITAGE EDUCATION: MEMORY, PRESERVATION AND IDENTITY

Elaine Cristine Luz Santos de Moura

<elainecristineluz@gmail.com>

Especialista em Cultura e História dos Povos Indígenas

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Mato Grosso do Sul, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/7241489301818707>

RESUMO

O presente trabalho trata da execução de um projeto intitulado “Educação Patrimonial: memória, preservação e identidade”, desenvolvido por meio do “Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência” (PIBID) partindo do pressuposto de que os patrimônios históricos são recursos que podem ser utilizados no ensino de história. Partindo nesta perspectiva, é fundamental elucidar termos que relevem sua importância, tal como a cultura material, o fomento à pesquisa e a educação patrimonial. Foram realizadas quatro oficinas na Escola Estadual Hércules Maymone com alunos do primeiro ano do ensino médio técnico em administração e primeiro ano do ensino técnico em meio ambiente, totalizando oito encontros, com o objetivo de promover consciência cidadã por meio do reconhecimento dos patrimônios históricos e culturais mundiais. MENESES (2005) propõe o uso de objetos para o ensino de história e como ensinar como se faz história com o uso de objetos, sendo este um dos referenciais teóricos para a realização deste projeto. Foram utilizados vídeos e imagens que ilustravam uma diversidade de patrimônios materiais e imateriais, dois artefatos de patrimônio familiar, e dois artefatos do Museu José Antônio Pereira que colaboram para a execução deste projeto. Como instrumentos de avaliação foram observadas as participações em sala de aula, destacando o reconhecimento dos patrimônios tangíveis e intangíveis, além das pesquisas realizadas sobre os patrimônios mundiais que colaboraram para uma ampla visão referente à preservação, de acordo com o referencial teórico de Meneses (2005). Os alunos constataram que as preservações são resultantes da Educação Patrimonial, trabalhadas neste projeto por meio da transposição didática problematizadora. Dessa maneira, o PIBID proporcionou tanto para os acadêmicos quanto para os estudantes uma nova visão em relação aos patrimônios de como se faz

história com os objetos e a valorização da cultura material e imaterial, promovendo a preservação patrimonial.

PALAVRAS-CHAVE: ensino; história; educação patrimonial.

ABSTRACT

This work deals with the execution of the project “Heritage Education: memory, preservation and identity” developed through the Institutional Program of Grants for Teaching Education (in Portuguese, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID) on the assumption that the historical heritages are resources that can be used in the teaching of History. Starting from this perspective, it is essential to elucidate some terms that highlight its importance, such as material culture, the promotion of research and heritage education. Four workshops were held in the public school Hércules Maymone with students of the first year of high school technical education – two courses: Business Administration and Environmental Management. There were eight meetings, which had the aim of promoting public awareness through the recognition of the word’s historical and cultural heritage. MENESES (2005) proposes the use of objects for the teaching of History and how to teach how history is made through the use of objects, this being one of the theoretical references for the realization of this project. Videos and images that illustrated a diversity of material and immaterial heritage were used, as well as two artifacts of family assets and two artifacts taken from the José Antônio Pereira Museum. As assessment instruments, the participation in the classroom was observed, highlighting the recognition of tangible and intangible assets, as well as the research carried out on the world heritage sites that collaborated for a broad vision regarding

preservation, according to the theoretical reference of Meneses (2005). The students verified that the preservations are the result of Patrimonial Education, worked on this project through the problematizing didactic transposition. Thus, the PIBID provided both academics and students with a new vision regarding the heritage of how history is made

with objects and the valuation of material and immaterial culture, promoting heritage preservation.

KEYWORDS: teaching; history; heritage education.



INTRODUÇÃO

O projeto “Educação Patrimonial: memória, preservação e identidade” foi uma ação das acadêmicas de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Elaine Cristine Luz Santos de Moura e Yasmin Falcão, que por meio do Programa de Institucional de Bolsa de Iniciação à docência (PIBID) colaboram ao ensino dos alunos da Escola Estadual Hércules Maymone¹ dos primeiros anos do Ensino Técnico de Administração e Ensino Técnico de Meio Ambiente sob supervisão da Prof.^ª Ms.^ª Cinthya Maria dos Santos Salumoni².

É por meio da educação que se apresenta um suporte de conhecimento com o intuito de promover no sujeito a noção de cidadania, sendo esta uma das problemáticas que devem ser trabalhadas nas escolas, tendo como ênfase neste trabalho a educação patrimonial. Isso denota, em síntese, que patrimônio é um complexo de bens legados pelos nossos antepassados, representados não apenas no seu restrito sentido material, mas naquela condição de bens que

¹ Endereço: Rua Joaquim Murtinho, 2612 - Itanhangá Parque, Campo Grande - MS, 79003-020

² Mestre em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco. Possui Pós Graduação em Planejamento Educacional pela Universidade Salgado de Oliveira. Graduada em História, pela Universidade Católica Dom Bosco. Professora nas redes pública e privada desde 1992, experiência no ensino de História em todos os níveis de ensino. Atualmente é supervisora do PIBID de História da UFMS.

assumem uma dimensão imaterial (ALBUQUERQUE, 2012), ou seja, torna-se uma referência identitária de um povo que devem ser transmitidas as próximas gerações.

Segundo pressuposto fundamental para a Educação Patrimonial de perspectiva libertadora é a busca da construção de uma nova relação entre a população com o seu patrimônio cultural. Mas para que isso ocorra é preciso garantir, antes, uma participação social efetiva na construção das políticas de proteção da memória e do patrimônio, para que a população possa se reconhecer e se enxergar no patrimônio e na memória oficial. É fundamental, para tanto, considerar no processo de valoração do patrimônio cultural, além dos valores estéticos e formais, os laços afetivos, sociais, simbólicos. (SCIFONI, 2012, p.33).

Em análise a etimologia da palavra “patrimônio”, verifica-se que é originária do latim *patrimonium*, sendo definida como herança familiar ou do pater (pai), o “patriarca”³. Concomitantemente, nota-se que por meio do patrimônio pode-se deparar com a representatividade cultural da sociedade por meio do legado da história e da memória.

Neste sentido, a mediação cultural, o público, e os artefatos são aspectos fundamentais para análise da repercussão identitária que é conduzida na sociedade e que devem ser abordados em sala de aula. Desta maneira, verifica-se a necessidade da abordagem em tornos dos museus e dos demais tombamentos presentes na cidade, para que o aluno reconheça os aspectos históricos patrimoniais presentes em seu cotidiano.

A defesa de identidade pressupõe a defesa do passado. Quando um grupo de pessoas se define em um espaço cultural com fronteiras definidas, há necessariamente requerentes de acontecimentos fundadores e de continuidade. O passado é assediado e funciona como deferimento para as lutas do presente, legitimando-as de uma maneira radical porque o termo “história” assume a condição de sentido do tempo, que se realiza nas pessoas, mas está para além delas, na medida em que evidencia uma ordem transcendental. (RAMOS, 2011, p.21).

É fundamental que haja um educador designado como mediador cultural nos museus, tendo como função à instrução e o fomento a pesquisa ao público visitante, realizando diálogos, esclarecendo dúvidas, elaborando projetos. Dessa maneira, o posto do mediador cultural é essencial para que o público visitante compreenda a proposta do museu e reflita o seu papel social.

³ Disponível em: <http://www.dicionarioetimologico.com.br/patrimonio>. Acesso em junho de 2015.

O papel do guia, seja ele um profissional do museu ou um professor de classe, é o de mediar a observação de forma que ela seja aproveitada ao máximo. Diante de obras de arte, mais do que dar respostas, ele deve ensinar a fazer boas perguntas, a problematizar, ele deve levar o aluno a mobilizar seu próprio potencial em torno da obra apresentada. (FRANZ, 2001, p. 53).

O mediador cultural deverá guiar o visitante almejando a sua potencialidade, esclarecendo as dúvidas pertinentes, e o promovendo a pesquisa em torno das obras apresentadas. Partindo dessa perspectiva, ressalta-se que o posto do mediador cultural é essencial para recepção do educando, tendo diversas funções para obter com êxito seu intuito de propor um diálogo com sucesso.

[...] deve trabalhar com a busca do sentido, oferecendo a possibilidade de, a partir de correlações que estabelece na construção da informação, apresentar o objeto em seus diferentes contextos e sugerir possibilidades de apropriação e de participação efetiva das exposições. (RODRIGUES, 2014 apud LARA FILHO, 2009, p.168).

Partindo dessa perspectiva, nota-se que é fundamental que haja uma mediação cultural que atue a pesquisa por meio da cultura material. Essa mediação será o suporte entre o museu e o público que por meio das pesquisas demonstrará ao público os artefatos e suas peculiaridades nos aspectos históricos e culturais, fomentando a pesquisa do educando.

Desta maneira, a educação patrimonial pode ser utilizada no ensino de história, sendo este um meio de reflexão que pode ser abordado pelos professores. Sendo um caminho para preservação, conservação e conscientização dos patrimônios materiais e imateriais de sua cidade e do mundo.

DESENVOLVIMENTO

A execução desse projeto ocorreu no mês de maio de 2015, e foram realizadas quatro (4) oficinas com duas turmas, totalizando oito (8) aulas, promovendo a transposição didática de maneira lúdica e dinâmica, demonstrando por meio do uso de imagens os tombamentos de Campo Grande-MS e do mundo. De acordo com o diário de bordo⁴ de Bruna Hanime Brito Soares⁵:

⁴ O Diário de Bordo é um caderno ou pasta no qual o estudante registra as etapas que realiza no desenvolvimento do projeto. Este registro deve ser detalhado e preciso, indicando datas e locais de todos os fatos, passos, descobertas e indagações, investigações, entrevistas, testes, resultados e respectivas análises. Fonte disponível em < <http://febrace.org.br/projetos/diario-de-bordo/#.ViT-SOyISSo> > Acesso em outubro de 2015.

As alunas abordaram muito bem o tema sobre Patrimônio Cultural, conceituando as diferenças entre patrimônio imaterial e material salientando suas principais diferenças e exibindo aos alunos alguns exemplos presente em Campo Grande. Também apresentaram para os alunos a importância dos Museus na sociedade, afirmando que o museu é um lugar de sensações, ideias e imagens de pronto, irradiadas por objetos e referenciais ali reunidos que iluminam valores essenciais para o ser humano. (SOARES, 2015, p.2).

Dessa maneira, entende-se que um dos meios de abrangência para concepção do passado é a pesquisa por meio dos artefatos. O objeto, como exemplo de fonte, tem o intuito manter uma história a partir de sua importância para os receptandos. “Por isso, a diretriz (obviamente não exclusiva, mas necessariamente presente) de um museu histórico seria transformar-se num recurso para fazer História **com objetos** e ensinar como se faz história **com os objetos**” (MENESES, 2005, p.49 grifo do autor).

Elucidando essa afirmativa, Meneses descreve como um objeto não pode ser tratado como identidade, pois identidade é uma construção e não pode ser retratada num único item, portanto devem ser indagados como, onde, por quê e quando esse artefato fez e faz parte da cultura material:

Ora, a identidade é um processo, não um produto, que só pode ser apreendido e entendido em situação, não abstratamente (a identidade se define sempre por oposição a uma alteridade e conforme escala móvel que o jogo dialético produz). Transformá-la numa quintessência que pode ser resgatada é pura ilusão. (MENESES, 2005, p.36).

Por meio das aulas expositivas, os alunos foram capazes de definir o que é cidadania e sua importância na sociedade por meio de tombamentos e artefatos. Também puderam perceber o que é Patrimônio, e distinguir a diferença entre patrimônio material e imaterial, e as funções do IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus e IPHAN – Instituto do Patrimônio e Artístico Nacional. Com o uso de imagens, os estudantes puderam compreender o que é um tombamento, perceber quais as funções do receptor (mediador cultural) e o receptado (educando), e reconhecer os demais patrimônios encontrados em Campo Grande - MS.

Neste sentido, a mediação cultural, o público, e os artefatos são aspectos fundamentais para análise da repercussão identitária que é conduzida na sociedade. “O museu é definido como um instrumento ou função concebida pelo homem em uma perspectiva

⁵ Bolsista de Iniciação à Docência PIBID/CAPES do curso de História da UFMS.

arquivística, de compreensão e de transmissão”. (DESVALLÉS; FRANÇOIS, 2013, p. 66). Desta maneira, verifica-se a necessidade da abordagem em tornos dos museus e dos demais tombamentos presentes na cidade, para que o aluno reconheça os aspectos históricos patrimoniais.

A defesa de identidade pressupõe a defesa do passado. Quando um grupo de pessoas se define em um espaço cultural com fronteiras definidas, há necessariamente requerentes de acontecimentos fundadores e de continuidade. O passado é assediado e funciona como deferimento para as lutas do presente, legitimando-as de uma maneira radical porque o termo “história” assume a condição de sentido do tempo, que se realiza nas pessoas, mas está para além delas, na medida em que evidencia uma ordem transcendental. (RAMOS, 2011, p.21).

Desse modo, percebe-se que o conceito museal está ligado a educação, sendo este um meio de diálogo que abarca a sociedade, concomitantemente torna-se uma função social de representatividade cultural. Para tal prestígio, é fundamental que haja o receptor (mediador cultural) e o receptado (educando), termos estes abordados de tal forma por Bourdieu e Darbel (2007, p. 71):

O tempo dedicado pelo visitante à contemplação das obras apresentadas, ou seja, o tempo de que tem necessidade para ‘esgotar’ as significações que lhe são propostas, constitui, sem dúvida, um bom indicador de sua aptidão em decifrar e saborear tais significações: a inexauribilidade da mensagem’ faz com que a riqueza da ‘recepção’ (avaliada, grosseiramente, por sua duração) dependa, antes de tudo, da competência do ‘receptor’, ou seja, do grau de seu controle relativamente ao código da ‘mensagem’.

Verifica-se que educação patrimonial torna-se essencial para apreciação cultural, promovendo intelectualidade e enriquecimento para cada indivíduo no campo da memória por meio da mediação cultural. Desta maneira, mediador e público são ateados a pesquisa em torno do artefato exposto.

A educação patrimonial e ambiental deve ser conduzida de modo a contemplar a pesquisa, o registro, a exploração das potencialidades dos bens culturais e naturais no campo da memória, das raízes culturais e da valorização da diversidade. À medida que o cidadão se percebe como parte integrante do seu entorno, tende a elevar sua auto-estima e a valorizar a sua identidade cultural. Essa experiência permite que esse cidadão se torne um agente fundamental da preservação do patrimônio em toda sua dimensão. (PELEGRINI, 2006, p. 127).

É nesse sentido que a Educação Patrimonial surge com o intuito de aperfeiçoar o conhecimento dos cidadãos, contribuindo, discutindo a identidade e memória por meio dos patrimônios. Aproximando a realidade a sensibilização de tais explanações propõe-se a aproximar a realidade de cada indivíduo à preservação patrimonial e museal por meio do entendimento da importância histórica, dirigindo a um novo olhar. Dessa maneira, os professores podem promover a cidadania por meio de oficinas que trabalhem objetos no ensino de história, gerando assim um novo olhar tanto pelos estudantes quanto para o público em geral:

A meta que se deve ter em vista, portanto, é de despertar no educando a curiosidade, o desejo e o prazer de conhecer e de conviver com os bens culturais enquanto patrimônio coletivo, e de levá-lo a se apropriar desses bens enquanto recursos que aprimoram sua qualidade de vida, e que contribuem para seu enriquecimento enquanto pessoa e cidadão, em suas atividades profissionais, de lazer, de criação e de interrelação com os outros e com o mundo. Desse processo é que decorre o compromisso com a preservação. (LONDRES, 2012, p.14).

Assim a Educação Patrimonial tem a função decisiva no processo de promover o exercício da cidadania, por meio das preservações patrimoniais e a construir relações efetivas com a sociedade a partir do entendimento das relações sócio-históricas, sendo uma importante ferramenta de afirmação de identidade a partir do momento que se assumam como seres sociais e históricos que pode ser utilizada em sala de aula para uma análise crítica. Pois quando o público reconhece a importância da diversidade cultural, seus territórios e espaços, é que surge a preservação em relação aos artefatos com o intuito de preservar a memória e história de um povo.

Tendo em vista que o objeto por si só não apresenta informações suficientes para que o receptor perceba sua essencialidade, os estudantes puderam perceber por meio de objetos de patrimônio familiar, demonstrados pelos acadêmicos, que para ser compreendida a sua importância é necessária uma apresentação. Dessa maneira, Meneses (2013) apresenta o conceito de objeto, aclarando as perspectivas em múltiplos aspectos museais que tendem a preservar a cultura material.

No museu nos defrontamos com *objetos enquanto objetos*, em suas múltiplas significações e funções – ao contrário, por exemplo, do que ocorre num supermercado, em que os objetos são definidos essencialmente (embora não exclusivamente), por seu valor de uso. No museu objetos de nosso cotidiano (mas fora desse contexto e, portanto, capazes de incorporar experiências alheias) assumem valores cognitivos, estéticos, afetivos, sócio-culturais. Doutra parte, é a função

documental do museu (por via de acervo, completado por banco de dados) que garante não só a democratização da experiência e do conhecimento humanos e da fruição de bens, como ainda, a possibilidade de fazer com que a mudança-atributo capita de toda realidade humana deixe de ser um salto do escuro para o vazio inteligível. (MENESES, 2005, p.18-19, grifo do autor).

Partindo desse ponto de vista, verifica-se que um artefato não fala por si só, ou seja, é necessário que haja um mediador cultural que demonstre que o objeto deve ser perguntado, para que assim possam se obter respostas por meio das pesquisas. Assim, é evidente que a cultura material e imaterial deve ser pesquisada, para posteriormente explanada ao receptando, e deste modo seja fomentada a pesquisa, sendo essa uma linha de pensamento voltada para preservação material.

O objeto tende a despertar a memória do público, e juntamente com o mediador cultural, a condução identitária torna-se fator preponderante o ensino museal, partindo de uma perspectiva muitas vezes elitista e proposital. Assim a narrativa e os objetos passam a constituir uma identidade, valores e ideias partindo da memória que revela o presente.

A identificação do presente que insiste em se vincular a um suposto passado, que daria continuidades e diferenças em relação ao que se tem ou assediados pelo desejo de lembrar é, portanto, a denúncia da memória que se vê sempre de maneira positiva e bem-vinda. O esquecimento esquecido (quer dizer, não percebido) é a transformação, a mudança, a presença do presente que se livra efetivamente do pretérito, não como ruptura radical, mas como movimento que cede espaço ao devir. (RAMOS, 2011, p.35).

Por isso foi proposto aos alunos à elaboração de uma pesquisa sobre patrimônio material e imaterial de livre escolha. Na atividade deveria conter o patrimônio selecionado e suas características. Os estudantes elaboraram a atividade e apresentaram em sala de aula, também analisaram artefatos cedidos pelo Museu José Antônio Pereira, sendo um ferro à brasa e um estribo feminino, ambos do século XIX. Por meio dessas atividades houve uma maior participação dos estudantes.

A transposição didática foi perceptível, os alunos puderam demonstrar os resultados das oficinas complementaram a aula, ou seja, todos aprenderam uns com os outros, sendo uma via de mão dupla. O papel da cultura na construção teórica de Vygotsky é bastante importante e está no cerne de sua explicação sobre o funcionamento mental humano e a mediação semiótica nesse funcionamento. Desta maneira, a cultura tem a ver com a existência concreta dos homens

em processo sociais, é produto da vida social e da atividade social (CAVALCANTI, 2005), sendo um dos referenciais teóricos para a realização deste projeto.

De tal maneira, percebe-se que a eficácia de um museu encontra-se na liberdade em que o indivíduo possui em discernir a transposição e sua memória sem interferências elitistas podendo ser incentivados dentro da sala de aula. Assim, o público ao visitar um museu, sem interferências vinculadas ao poder, com culturas materiais e imateriais estará distinguindo e aprendendo diversos costumes, etnologia e história por meio de pesquisas, combatendo assim, por exemplo, a xenofobia e a etnofobia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Patrimonial promove o exercício da cidadania e constrói relações efetivas, sendo uma importante ferramenta de reconhecimento sócio-histórico e cultural sendo este o objetivo durante a execução do projeto.

É essencial que o governo, os gestores, mediadores e o público em geral se atenham às necessidades dos patrimônios para amparo dos mesmos e que desse modo possam prosseguir com seus objetivos. Tendo em vista que a conscientização da preservação é imprescindível para que essa memória seja mantida.

Constata-se que um artefato não fala por si só, ou seja, é fundamental que haja um mediador cultural que demonstre, explique e fomente o receptado à pesquisa. De tal maneira, o mediador cultural deve apresentar os monumentos, tombamentos, museus, escolas e entre diversos patrimônios que compõem a identidade de um povo e esta conscientização foi abordado com os estudantes.

Por meio das pesquisas dos estudantes, observa-se a conscientização dos alunos em torno dos patrimônios, verificando sua história artística e cultural presente na identidade da sociedade. O resultado deste trabalho pode ser verificado por meio da preservação patrimonial, e na percepção do cidadão em notar sua história por meio dos artefatos. Portanto, as pesquisas e preservações são resultados da cidadania adquirida por meio da Educação Patrimonial.

Constata-se que as pesquisas e preservações são resultados da cidadania adquirida por meio da Educação Patrimonial por meio da transposição didática de maneira lúdica-pedagógica. Dessa maneira, o PIBID proporcionou tanto para os acadêmicos quanto para os estudantes uma

nova visão em relação aos patrimônios de como se faz história com os objetos e a valorização da cultura material e imaterial, promovendo a preservação patrimonial.

Assim, através de pesquisas, podem-se aprimorar os conhecimentos acadêmicos, que muitas vezes não aprendidos durante a graduação, e transmitidos através da transposição didática para os alunos de escola pública de maneira interdisciplinar. Desta maneira, concluiu-se que a cultura material pode ser preservada de diversas formas, cabe aos professores fomentarem a pesquisa aos alunos demonstrando que a história pode ser desconstruída e construída por meio dos patrimônios, e como forma de combater preconceitos culturais muitas vezes desvalorizadas pela educação elitista.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Umbelino Peregrino de. *Patrimônio Cultural: uma construção da cidadania*. In: TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.). *Educação Patrimonial reflexões e práticas*. João Pessoa: Superintendência do IPHAN na Paraíba, 2012.

BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. *O amor pela arte: Os museus de arte na Europa e seu público*. Porto Alegre: Zouk, 2007.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de geografia*. Cad. Cedes, Campinas, 2005.

DESVALLÉES, André; FRANÇOIS, Mairesse. *Conceitos-chave de Museologia*. São Paulo, SP, 2013.

FRANZ, Teresinha Sueli. *Educação para a compreensão da arte: Museu Victor Meirelles*. Florianópolis, Santa Catarina, 2001.

LONDRES, Cecília. *O Patrimônio Cultural na formação das novas gerações: algumas considerações*. In: TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.). *Educação Patrimonial reflexões e práticas*. João Pessoa: Superintendência do IPHAN na Paraíba, 2012.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. *A exposição museológica e o conhecimento histórico*. FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves. *Museu: Dos Gabinetes de Curiosidade a Museologia Moderna*. Belo Horizonte: Argumentum, 2005.

PELEGRINI, Sandra. *Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental*. Maringá, PR, 2006

RAMOS, Francisco Regis Lopes. *A danação do objeto: o museu no ensino de história*. Chapecó: Argos, 2004

RODRIGUES, Bruno César; CRIPPA, Giulia. *A recuperação da informação e o conceito de informação: o que é relevante em mediação cultural?* Belo Horizonte, MG, 2011.

SCIFONE, Simone. *Educação e Patrimônio Cultural: reflexões sobre o tema*. In: TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.). *Educação Patrimonial reflexões e práticas*. João Pessoa: Superintendência do IPHAN na Paraíba, 2012.



Submissão: 29 de fevereiro de 2016
Avaliações concluídas: 26 de maio de 2017
Aprovação: 07 de outubro de 2017

COMO CITAR ESTE ARTIGO?

MOURA, Elaine Cristine Luz Santos. Educação Patrimonial: Memória, Preservação E Identidade. *Revista Temporis [Ação]* (Periódico acadêmico de História, Letras e Educação da Universidade Estadual de Goiás). Cidade de Goiás; Anápolis. V. 17, N. 02, p. 131-141 de 141, Jul./Dez., 2017. Disponível em:

<<http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>> Acesso em: < inserir aqui a data em que você acessou o artigo >